

Carta Semanal 21 (2019): Os cães de guerra estão soltos mais uma vez



Agnès Szwajger, *Room of Mirrors*, 2017.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas é composto por quinze membros, cinco dos quais são permanentes e com poder de veto (China, França, Rússia, Reino Unido e Estados Unidos) e dez membros não eleitos para um mandato de dois anos. A presidência do Conselho muda mensalmente. Este mês – em maio – a presidência da está ocupada pela Indonésia, cujo representante permanente é Dian Tjandjaja Djaja – um diplomata de carreira.

O presidente da Indonésia é Joko Widodo, conhecido como Jokowi. Khamid Ishtabhi, secretário-geral do Fórum SEERUP – uma grande federação sindical na Indonésia – escreveu uma carta aberta ao presidente. Ela pede a Jokowi que use a presidência do Conselho de Segurança para denunciar violações da lei internacional contra a Venezuela. Khamid nos enviou esse texto, que publicamos em nossa carta desta semana. Leia abaixo suas palavras:



Soborno na Conferência Asiático-Africana, Bandung, Indonésia, 1955.

Esta não está sendo em um mundo de paz, então a competição. Há muitos países entre países e grupos de países. Não mundo infeliz e destruído e destruído, e a prova de tudo a países andam com medo e, não por culpa deles, os dias de guerra está sobre nós uma vez.

Eu fizemos as palavras do Presidente indonésio Sukarno quando ele falou a primeira Conferência Afro-Asiática em Bandung, em 1955, que aconteceu há mais de 60 anos e estabelecimento do Movimento dos Países Não-Alinhados, a iniciativa política chave que deveria dissolver a dominação do Sul Global.

A medida que os tempos de guerra não mais alto em Caracas e em Washington, pedimos ao presidente indonésio Joko Widodo – presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas neste mês de maio de 2019 – que use sua posição para defender um mundo de paz, unidade, prosperidade, e para denunciar as violações de lei internacional cometidas pelos Estados Unidos em sua campanha para desestabilizar a Venezuela.



Presidente Jokowi na comemoração da Conferência Asiático-Africana, 2015.

Em vários sentidos, não era a oposição venezuelana contra um golpe de Estado contra o governo democraticamente eleito do presidente Nicolás Maduro, sempre com a assistência dos EUA. Em 28 de janeiro de 2019, por exemplo, os EUA enviaram uma **ordem executiva** reunindo o líder da oposição Juan Guaidó como presidente interino. Simultaneamente, tentou dar ajuda alimentar e médica para aliviar o sofrimento imposto pelas suas próprias sanções, cujo objetivo é estrangulamento e aniquilação venezuelanos. Essa sanção costou à Venezuela 30 milhões de dólares por dia. Para efetivar isso, uma recente remessa de ajuda que os EUA tentaram entregar tinha 20 milhões de dólares em suprimentos médicos do que a Venezuela pediu em um único dia por anos de sanções.

Os membros dos EUA – que empregaram 30 milhões de dólares dos ativos da Venezuela aos EUA – conseguiram perder de 23 bilhões no país de agosto de 2017 a dezembro de 2018 – afetaram muito diretamente a povo venezuelano. Em um relatório do Conselho de Direitos Humanos da ONU, *Report of the Truth Commission* que as sanções criam um ato criminoso e que devem ser consideradas um crime contra a humanidade.

Em recente artigo, Wechsler e Sachs argumentaram que as sanções "induziram a insegurança alimentar e a mortalidade (para adultos e bebês) e deslocaram milhões de venezuelanos que fugiram do país como resultado do agravamento da depressão econômica e da hiperinflação". Eles estimam que as sanções – ligadas tanto em relação à lei estabelecidas como para a Organização dos Estados Americanos – causaram ao redor de 40 mil mortes de civis de 2017 a 2018 e são um exemplo daquilo que a Convenção de Genebra define como "punição coletiva".

Muito recentemente, o *Wall Street Journal* revelou que a Venezuela recebeu financiamento por parte dos Estados Unidos para apoiar a oposição. O artigo afirma que a Venezuela recebeu financiamento por parte dos Estados Unidos para apoiar a oposição. O artigo afirma que a Venezuela recebeu financiamento por parte dos Estados Unidos para apoiar a oposição.



Fuerzas Armadas Bolivarianas, Caracas, 1999.

Embora os EUA se opõem da forma como a violência das forças humanas, não são tão das motivações pelo desejo de começar a Revolução Bolivariana e o impacto que ela tem na história de nosso país. Os EUA não reconhecem os princípios constitucionais. Além de melhorar as condições de vida de milhões de pobres e despossuídos, a Revolução Bolivariana deu um novo sentido de solidariedade para o Sul Global.

A Venezuela juntou-se ao Movimento dos Países Não-Alinhados em setembro de 1989, pouco mais de dois meses após a queda da União Soviética. O Canavieiro foi dominado pelo aumento do preço do petróleo, após o recém-eleito presidente americano Carlos Andrés Pérez reforçar os subsídios.

O Canavieiro foi um ponto de inflexão fundamental para a Venezuela. De um lado de hospital, e futuro presidente Hugo Chávez observou a violência social quando estava no hospital, e futuro presidente Hugo Chávez observou a violência social quando estava no hospital, e futuro presidente Hugo Chávez observou a violência social quando estava no hospital.

Depois de tomar o poder em um golpe, em 1998, o governo de Chávez levou a Venezuela a um novo caminho. O governo de Chávez levou a Venezuela a um novo caminho. O governo de Chávez levou a Venezuela a um novo caminho.

O governo de Chávez, Nicolás Maduro, procurou dar continuidade a esse legado. Ele ganhou diversas eleições democráticas, apesar de ter sua liderança fortemente contestada por causa de ataques do preço do petróleo, que representa cerca de 95% das exportações venezuelanas. Os EUA e a oposição venezuelana se aproveitaram disso como uma oportunidade para minar o projeto ideológico da Revolução Bolivariana e causar o colapso do petróleo da Venezuela.



Em Indonésia, comunistas presos pela junta militar, 1965.

Além disso, a oposição venezuelana se aproveitou da situação para atacar o governo de Chávez. A oposição venezuelana se aproveitou da situação para atacar o governo de Chávez. A oposição venezuelana se aproveitou da situação para atacar o governo de Chávez.

Apesar de acabar com o regime militar em 1998, a liderança da oposição militar ainda se sobra a Indonésia. Durante anos, permaneceu como receptora de ajuda militar desde sua saída a Indonésia. Durante anos, permaneceu como receptora de ajuda militar desde sua saída a Indonésia.



Marshall, que representa a figura de um indonésio morto há 26 anos, no mês de maio, pela ditadura de Suharto. Arte de Irena Kowalska.

O presidente Jokowi e o primeiro chefe de Estado da Indonésia após a queda legal e foi reeleito derrotando de forma ampla a líder da oposição Prabowo Subianto (o candidato militar e guerra de Suharto). Essa vitória demonstra que a prova da Indonésia registra novamente a política de guerra e conflitos em favor de uma democracia mais inclusiva.

Os governos Jokowi e o primeiro chefe de Estado da Indonésia após a queda legal e foi reeleito derrotando de forma ampla a líder da oposição Prabowo Subianto (o candidato militar e guerra de Suharto). Essa vitória demonstra que a prova da Indonésia registra novamente a política de guerra e conflitos em favor de uma democracia mais inclusiva.

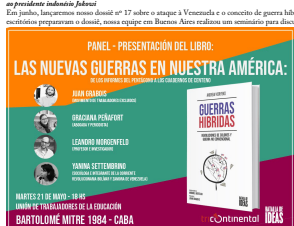
Os governos Jokowi e o primeiro chefe de Estado da Indonésia após a queda legal e foi reeleito derrotando de forma ampla a líder da oposição Prabowo Subianto (o candidato militar e guerra de Suharto). Essa vitória demonstra que a prova da Indonésia registra novamente a política de guerra e conflitos em favor de uma democracia mais inclusiva.

Tal como Lukens fala em Bandung, o líder de guerra está sobre nós uma vez e sempre uma dentro para a Venezuela. Semos solidários à classe trabalhadora venezuelana e apoiamos as medidas tomadas pelo presidente Maduro para superar a crise.

Em 2019, pedimos a Jokowi que use a última semana de sua presidência do Conselho de Segurança para viver e acordar com o legado de Sukarno e denunciar as violações de direitos internacionais cometidas pelos EUA e começar a reconstruir a solidariedade do Sul Global.

carta enviada pelo líder sindicalista Khamid Ishtabhi ao presidente indonésio Jokowi

Um texto, lançado em nosso dossiê nº 17 sobre o ataque à Venezuela e o conceito de guerra híbrida. Esse dossiê foi produzido pelos nossos escritórios em São Paulo (Brasil) e Buenos Aires (Argentina). É uma avaliação completa da natureza da guerra na Venezuela, uma das quatro guerras que John Bolton – o conselheiro de segurança nacional dos EUA – está ansioso para levar a cabo (para saber mais sobre isso, veja minha **coluna**). Enquanto nossos escritórios preparavam o dossiê, nossa equipe em Buenos Aires realizou um seminário para discutir a tradução em espanhol do livro de Andrew Korybko sobre guerra híbrida.



Após semanas de agitação, os resultados das eleições parlamentares na Índia foram divulgados. Noventa e sete milhões de eleitores se registraram para votar em 542 distritos eleitorais. O partido de extrema direita, BJP, ganhou a maioria dos assentos e irá mais uma vez formar um governo. É preocupante que a direita continue a obter vitórias pelo mundo. Essa não é uma história que diz respeito à Índia apenas e não pode ser explicada por meio de um

simples respeito à realidade nacional indiana, mas é uma história global, da América do Brasil. É necessária uma análise cuidadosa das forças centristas da globalização e da hegemonia social que está produzindo.

Semana passada estive em Dublin (Irlanda), onde participei de um evento do Partido dos Trabalhadores sobre as eleições para o Parlamento Europeu. Nesse evento, falei sobre como a extrema direita não resolve os grandes problemas de nosso mundo, mas utiliza as tensões existentes na sociedade para formar um bloco eleitoral.



Dublin, Irlanda, 7 de maio de 2019.

Percebemos grande atenção às realidades cotidianas tanto quanto precisamos entender as mudanças sociológicas em nossa sociedade, resultado da globalização.

Fizemos um dossiê sobre os resultados das eleições indianas ainda este ano, e também continuaremos nossas pesquisas sobre a ideia de "democracia" em nossos tempos.

Cardinalato, Viena

PS: Para ler as nossas **cartas semanais** anteriores e o nosso material, por favor, visite o nosso **sítio**. Lá você encontrará nosso último **dossiê sobre Subcomandante Insurgente**. O artigo da coordenadora do escritório Inter-regional do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, Celina della Croce, desta semana, trata desse dossiê.

